

O ESPOZENDEENSE

Semanário republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Este n.º foi visado pela censura

Director, adm e propriet — José da Silva Vieira. — Redactor no Brazil: A. Ciras. — Editor — José da Silva Vieira Junior. Comp. e impressão. — Typ. Espozendense — Espozende

Assinatura: Anno, sem esta pilla 3\$000 rs. — Com esta pilla e para fóra 10\$000 rs. — Brasil, (Moeda forte), 30\$000 rs. — Colonias Portuguezas, 25\$000 rs. — Numero avulso 200 rs. — Pagamento adiantado. Redacção e administração — Rua Veiga Beirão, 7 a 9 — Espozende.



Anuncios: Judiciaes: linha cu esp. de linha \$50 cent. — Anuncios particulares: linha \$70 Comun. ou reclames, linha \$50 c. Imposto do selo, cada publicação. 15 c. — Reclames a obras literarias mediante um exemplar. Não se restituem originaes não publicados.

* * DECANO DOS JORNALIS DO DISTRITO DE BRAGA * *

TEOTONIO DA FONSECA

Espozende e o seu concelho

XI

ANTAS

(Continuação)

O saudoso P.º Bento José da Mota, espirito culto e humorístico, natural da freguesia de Salvador do Campo, concelho de Barcelos, e paroco desta de S. Paio de Antas durante trinta e quatro anos, escreveu em o jornal «O Novo Cavado», de Espozende, uma serie de artigos, contando o estado da sua igreja em 1878, ano da sua posse, e as obras que depois nela se fizeram até 1895.

Na impossibilidade de transcrever aqui aqueles artigos na sua integra, copiaremos apenas algumas passagens para o nosso leitor ficar a fazer uma ideia do que seria aquele templo.

Diz ele: «era (a igreja) muito pequena e baixa e cheia de defeitos; a capela mór era um nicho e torta; o arco cruzeiro era baixo e estreito e a altura da igreja era toda no correr da sacristia paroquial.»

«A torre era uma porcaria de gato.»

O sublinha'o é nosso; esta torre tinha sido construida em 1855.

Tinha esta igreja, no dizer daquele escritor, duas coisas razoaveis: o altar do Sacramento e os tres arcos da nave desta capela.

«O adro desta igrejinha era uma especie de cortelho; tinha defronte da porta principal uma casa chamada da Fabrica, onde se dava escola.»

Descreve em seguida essa casa: tinha uma váranda e debaixo uma retrete, vendo-se entrar para ali «os rapazes com as calças na mão,» a casa tinha tambem uma cosinha onde se fritavam as sardinhas para dar aos pobres na quinta feira Santa.

O adro só tinha uma entrada, a que chamavam Fôjo, umas cancelinhas de ferro e dois ciprestes, «simbolo da morte, onde dormiam todos os ardaes da

EMPRESTIMO

Fala-se novamente que a nossa Camara pensa em fazer um emprestimo da quantia necessaria para trazer á vila as aguas do Bouro. O emprestimo para este fim, tem a nossa mais plena aprovação, e não deixará de a têr de toda a vila e concelho, porque ha muito tempo que este jornal pede para que esse grande melhoramento seja efectuado, visto que a agua que é consumida nesta vila, se muitos soubessem da sua procedencia nunca a beberiam. Portanto não regatearemos louvores e aplausos á Camara que realisar essa grande obra de tamanha utilidade pública, e ao illustre Presidente da Camara, pedimos para que ponha toda a sua actividade, toda a sua inteligencia ao serviço de tão necessario melhoramento para que ele se realise o mais rapidamente possivel.

freguesia e antes de vir a noite atormentavam o pobre paroco com o seu canto infernal.»

O cruzeiro estava em um pequeno largo, em frente ás cancelinhas.

«Em fim, exclama ele, tudo era pequeno e mesquinho.»

Em 1879 o Barão de Maracanã, Manoel Gonçalves Pereira, natural desta freguesia, filho de João Gonçalves Pereira e de D. Maria Rodrigues Meira, comprou a casa dos Cunhas e terreno fronteiro á igreja e em seguida o povo terraplanou o que hoje é o adro e mudou-se a casa da Fabrica para o sitio onde está.

Nesse mesmo ano deu-se principio ás obras na igreja, alargando-a para o lado do norte, fazendo-se mais uma nave com tres arcos, iguais aos da nave do Sacramento, e levantando-se todo o edificio uns seis palmos.

Em seguida alteou-se e alargou-se o arco cruzeiro e fez-se de novo a capela mór.

Fez-se o sanefão naquele ar-

co e dourou-se tudo.

Havia, porém, ainda um defeito, «o templo era mais largo que comprido, o que o desfeitava».

Só em 1895 é que se fizeram as obras do aumento da igreja, a sua portaria e a torre.

Esta alta torre eleva-se ao centro da fachada da igreja, por cima da sua porta principal, tendo por baixo das sineiras um nicho, onde se venera a imagem em pedra do padroeiro São Paio.

Na parte exterior da parede desta igreja, ao lado da porta travessa, do lado direito, vê-se uma pedra com uma inscrição, cuja tradução, segundo alguns epigrafistas é a seguinte: «Na era de 1163, aos 22 de abril, Dom Paio Suares fundou estas obras por mercê».

Dentro da capela mór é formada a estuque com altar moderno.

(Continúa)

Classificadores

Vendem-se nesta TYP.

Num recanto de Espozende

O chá é um poderoso excitante, que espiritualiza e não é raro, uma conversação decaida em mórbida sonolencia, animar-se e envolver em interessante palestra pessoas reunidas em volta dum bule, repleto da aromática bebida, que os chinezes tanto adoram e idolatram.

Sei perfeitamente, que esta teoria não é a única que merece conceito.

O chá, como qualquer estadista, tem inimigos implacáveis!

Há quem lhe atribua a origem de muitas doenças; quem o julgue portador de males desconhecidos no mundo científico; e quem o afirme um veiculo direto para o Conde Ferreira.

Felizmente, a D.ª Anastácia, não é desta opinião. Para ela, o chá é panaceia, que cura todas as enfermidades, o filtro maravilhoso, que lhe retempera o coração, e exalta a alma!

E' uma senhora, que se pressa de ter bebido chá, desde a época pueril em que soltou os primeiros vagidos.

Mais tarde, tomou-o em todas as casas de chá de Lisboa. Figurou no célebre «chá das cinco», cantado por inspirados poetas e que serviu de titulo a alguns livros que o immortalizaram.

No Porto, saboreou o doirado líquido em todas as confeitarias que foram sucessivamente perdendo de moda, como os chapéus.

Primeiro teve as honras da preferência a Oliveira; a seguir a Vilares, a Palace...

Fez grande successo na sala de chá da confeitaria do Bolhão, na Brazileira, e depois... o hábito das senhoras sairem todas as tardes de propósito para ir ao chá mais frequentado, foi decaindo.

Actualmente a D. Anastácia vai aos sabados apreciar a predileta infusão, á Arcadia, a confeitaria mais moderna, ponto chic de reunião das portuenses elegantes.

Graças ao gosto especial pelo chá, consegui o funcionamento regular do coração da D.ª Anastácia. Apóz a ingestão de algumas chávenas da preciosa «ambrosia celeste» — como ela lhe chama, — reanimou-se e começou a desdobrar um dos jornais.

—Cá está, gritou, olhando para o alto duma das paginas. E' isto — «Pelos Socairos», — sublinhando a frase com azedume.

E, um frêmito de desespero ameaçava-a de novo ataque, o que evitei, apressando-me a eucher

a chávina pela quinta vez!

Só então pôde desabafar.

Não imagina, Manuela, o desespero em que vivo! Tenho passado noites de insónia, a meditar nesta palavra exquísita, que parece inventada por Lucifer.

—Não se consuna, que lhe faz mal! Porque não consulta o dicionário? Poderia ser que encontrasse o significado... aventurei-me a aconselhar.

—E' verdade! Lembrou bem. Meu irmão está para Lisboa, mas deixou-me as chaves do escritório. Quando acabou a formatura trouxe, de Coimbra junto com outros livros, quatro dicionários e já tinha tres do tempo do Seminário!

—Ah! temos romance...

—Sim se não fosse a paixão pela Luíza do Chalet, tinha seguido a vida eclesiástica e hoje meu irmão seria abade cá na terra!

Comecei a ler «Pelos Socairos» para não ouvir mais uma aventura do toleirão do mano.

—Olhe Manuela, disse minutos depois, faça favor, mande a creada lá a casa buscar todos os dicionários.

Fiquei horrorizada. Sete dicionários, pesadíssimos, seria a ruína completa, da vistosa e frágil mobília de vime que garante o terraço.

—Não se mace, D.^a Anastácia, não cause o cérebro. E não estive com mais reservas.

—Socairos são logares de má lingua. Cultiva-se por toda a parte, com requintado gosto satânico, essa flor pantanosa. Há «Socairos» pelas esquinas, nos passeios, nos cafés, nos barbeiros, nos teatros, nas redações dos jornaes, enfim, onde se reúnem homens... os socairos existem pela certa.

A D.^a Anastácia, indecisa, perplexa, com as mãos na cabeça: —Homens... má lingua... socairos...

—Isso mesmo. São sinónimos, embora palavras completamente diferentes na essência e na forma.

Em geral, somos nós, as mulheres, o assunto predilecto, as vítimas indefesas, arrastadas pelos Socairos, onde eles revelam, francamente, os sentimentos diabolicos da sua alma perversa!

Os homens, meu Deus, que horror!!!

MANUELA.

Esteve ligeiramente incomodado de sua saúde, aguardando o leite por alguns dias, o nosso bom amigo sr. Dr. Artur de Barros Lima, achando-se presentemente já restabelecido, com o que muito folgamos.

Vimos nesta vila ultimamente o nosso bom amigo, sr. Manoel de Boaventura, digno e inteligente Inspector Escolar de Braga, acompanhando o seu primo o sr. Armando de Boaventura, um dos ilustres redactores do «Diário de Notícias», de Lisboa, dando-nos estes dias amigos a honra da sua visita, regressando o primeiro a Braga e o segundo a Lisboa.

Joel de Magalhães

MEDICO

Em Espozende das 9 ás 12
e em Fão das 14 ás 15
e meia horas

Lêr a quarta pagina.

Os trabalhos na doca

Continuam estes trabalhos com actividade e não deixa de lá comparecer diariamente, o sr. Presidente da Camara, que foi, como não podia deixar de ser, quem conseguiu da Administração Geral dos Serviços Hidráulicos a respectiva verba. Lembramos ao mesmo digno chefe do nosso município, que não esqueça o assunto dos concertos dos Caes, que tão necessários são. E lembramos também se não ficará pequena, a doca do Norte, pois desde que os melhoramentos no rio e barra, venham a ser uma realidade, parece-nos que o espaço para traineiras, não só para fazerem o comercio, como mesmo para concertos, deverá desenvolver-se bastante.

Aos competentes dirigimos a nossa lembrança, sem intuito que não seja prever o futuro.

Donativos para o nosso Hospital

Sufragando a plina de seu saudo o filho Antonio, o nosso Hospital recebeu ultimamente o valioso donativo de 1.000\$00 escudos, do seu grande bemfeitor Ex.^{mo} Sr. Henrique Marinho, importante industrial da cidade do Porto.

Igualmente tambem recebeu do Ex.^{mo} Sr. Antonio Fonseca, da importante Fabrica de tecidos do Jacinto L.da uma peça de pano para stores.

Quem dá aos pobres emp esta a Deus.

MANOEL DIAS DA COSTA

MAR—ESPOZENDE

Encarrega-se de toda e qualquer obra respeitante á arte de trolha e por preços sem competencia.

Rêgo do Sul

Embora não seja verdadeiramente um lavadouro o que lá existe, mas aproveitando para esse fim as aguas que por lá passam alguns moradores do sul, lembramos á Ex.^{ma} Camara, que um pequeno melhoramento n'aquelle local, especialmente nas pedras sobre as quais se lavam roupas, não ficando caro, como não ficará, é de incontestavel utilidade.

Cangostas imundas

Ha-as em abundancia na nossa terra, para as quais pedimos não só a atenção do Ex.^{mo} Sr. Subdelegado de Saude, como tambem da Ex.^{ma} Camara, para mandar fazer os pequenos reparos que as mesmas precisam.

COMUNICADOS

PORTO DOS CAVALOS DE FAM

O FUTURO DE ESPOZENDE E DO CONCELHO

Existe uma planta, que descreve o vasto recife dos Cavalos de Fam, e desvio da foz do Cavado para a bacia dos Cavalos e o encanamento do rio até o Marachão.

Esta planta foi encontrada a um canto da repartição das hidráulicas da cidade de Porto, pelo distinto engenheiro, Carvalho Assumpção, que, bem emocionado com esta planta, mandou extrair-lhe uma copia, quando director das Obras Publicas do Districto do Porto.

Esta planta, que tem a data de 1808 foi elaborada pelo eximio engenheiro hidrografico, Custodio José Gomes de Vitas Boas, director, das obras da barra, que duraram 13

anos, suspensas em 1808 por improficuas e contraproducentes, e vendido em hasta publica o material circulante e ferramentas. Nestas obras infundiram-se 420:000 cruzados, ou seja 168 contos, que ao cambio actual monta a 3:360 contos.

Ahi por 1875 procedia-se a novas obras na barra pela segunda vez, sendo suspensas em 1882 por eguais motivos das primeiras.

Foi director destes obras o distinto engenheiro João José Pereira Dias, que nos legou o excelente projecto do caminho de ferro do Vale do Cavado e do Vale do Ave.

Está provado e demonstrado por tenicos e larga experiencia, que em barras de areia, quanto mais se gastar, tanto mais se perde, má barra mau porto.

Ora, falar em obras na barra, pela terceira vez, é um disparate. Na primeira quem quer cai, na segunda cai quem quer e na terceira cai o tólo, diz o proverbio.

Postos estes principios, o futuro de Espozende está (relegando ao ostracismo a ideia do porto de abigo dos Cavalos de Fam, que faria a felicidade da região do norte) no desvio da foz do Cavado para a ampla bacia dos Cavalos, abrindo pequena vala á pá e á enxada, intercetando o rio pelo norte com areia removida, deixando ás grandes enchentes e marés vivas o restante trabalho.

A este desvio seguia-se um paredão ou caes acostavel, para atracar os navios e barcos de pesca, desde o matadouro ao cabedelo da outra banda, com a pedra do cais, das docas e do paredão da barra.

Desta maneira, Espozende podia estender-se até ao mar, possuindo boa praia de banhos, propriamente sua, e bom porto de pesca, propriamente seu.

E assim, haveria aturado trabalho, para centenas e centenas de desempregados, de grande alcance para o progresso de Espozende e do concelho, salvo melhor juizo.

P.^e Chaves Coupon.

A PATRIA

Sociedade Alentejana de Seguros

Séde em

EVORA

em propriedade sua.

Delegação no:

PORTO

AVENIDA DOS ALIADOS, 81-1.º

Telefone—4903

Efectua

SEGUROS DE VIDA

em todas as modalidades bem como:

Incendio, Cristal, Postal, Desastres, no Trabalho, Maritimo, Responsabilidade Civil, Roubo, Agrícola, Acidentes individuais.

Reservas em 1932:

Esc.—3.778.596\$75

Agente em FÃO E ESPOZENDE

Antonio de Sá Pereira

Na Quinta da Seara

Estiveram ultimamente na Quinta da Seara, em Palmeira, propriedade do Ex.^{mo} Sr. Dr. Artur de Barros Lima, illustre Governador Civil de Viana do Castelo, os snrs. Capitão de Fragata Justino Herz, comandante do contra-torpedeiro «Lima» e a officialidade daquele vaso de guerra, onde passaram algumas horas, sendo-lhes oferecido ali uma interessante diversão, trocando-se amistosos brindes levando d'ali recordações muito agradaveis.

D'ali seguiram para a Quinta de Curvos, regressando a Viana do Castelo.

CONFETARIA PRIMOROSA

Vinho especial

1.^a qualidade

Garraão de 5 litros

Esc. 2\$00

FEMINA

jornal ilustrado da mulher

Directora: HELENA DE ARAGÃO

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

CONTIENTE E ILHAS

13 numeros	19\$00
26 "	39\$00
	ULTRAMAR	
26 numeros	51\$00
	ESTRAGEIRO	
26 numeros	63\$00

Para assinar a «Femina» basta enviar um postal a Helena de Aragão, Travessa da Condessa do Rio, 27.—LISBOA.

Redacção e Administração: Travessa da Condessa do Rio, 27.—LISBOA Tel. 21398

Episódios da História de Portugal

(Dum livro em preparação)

ALFARROBEIRA

(Intriga na corte)

«Vingar vilanagem!»

(Continuação do n.º 1351)

Colérico — e a cólera dos fleugmáticos é sempre loucura — não quiz acreditar na ordem que o emissário lhe trouxera. E que- dou-se no seu pósto, decidido a tudo.

O bispo de Ceuta, por mandado de D. Henrique, dizia-lhe que deixasse passar o duque, pois o ordenava el-rei.

Deixo, sim, mas não em som de guerra. Isso nunca! Não quererá Deus que um filho do Mestre de Aviz captiule tão miseravelmente! Nunca, nunca... Foi-se o bispo com esta resposta. De repente, abatêra-se-lhe toda a ira; ficára num estado de inércia apática, sem saber se ia morrer. Também o irmão o abandonava ás garras dos inimigos!...

Surgem a galope os cavalos da embaixada que de Santarém o rei lhe mandava, ordenando-lhe que regressasse a Coimbra de onde não mais poderia sair sem licença, e que deixasse passar o duque de Bragança.

Abrem-se-lhe os olhos desmedidamente com quem sae do turpôr de um sonho; agita-se nervosamente, alterna o ímpeto com o abatimento, ora violento, ora submisso, indomável como uma fera ou meigo como uma pomba!... Que venha em paz, respondeu!

A que situação tão desgraçada levaram o Infante *das sete partidas do mundo!*...

Em vez de ir para Coimbra conforme lhe fôra ordeado pelo rei, subiu para a Louzã; pela primeira vez na sua vida, deixou de raciocinar o que fazia.

O duque de Bragança conservava-se em Côja. D. Pedro avança da Louzã a Vilarinho onde se fortificára, fechando a passagem ao duque. A cavallo, D. Pedro, em frente dos seus esquadrões, falou-lhes; afirmando a sua fidelidade ao rei, punha nella os fundamentos da sua desobediência. As tropas ouviram-no: sentiam-se todos votados a um igual destino e mal sabia n que a história havia de vêr nêsse momento um dos seus instantes epicos!

À frente dos esquadrões, com o conde de Avranches ao seu lado, avançou mais. O duque de Bragança, hirto com os seus setenta anos, perguntava aos seus se queriam combater ou retirar. Recuar seria injúria e cobardia dizia Alvaro Pires de Távora, do seu consêlho.

Do lado opôsto, D. Alvaro Vaz, clamava inflamado: — ou fogem, ou são derrotados.

Não, — disse o Infante — não iremos além da defesa; oxalá retirem sem combater.

O de Barcelos, não tinha confiança nos seus; adquirira a certeza de que não podia contar com êles. *Tinham mêdol!*... Não podia combater porque as suas tropas debandariam: metêra-as no fundo de um sacco, cercadas por todos os lados. Via-se á mercê do homem a quem se propunha matar. Apesar do desaire e da idade *FUGIU!*, abandonou os seus, e com alguns cavaleiros, de noite, meteu-se á serra. Os seus setenta anos gemeram. Foi sair á Covilhã, mas sofreu tanto, que nunca mais pode endireitar a cabeça. Retesaram-se-lhe os tendões do pescoço, e nessa atitude ficou até ao fim da vida, para atestar a sua humilhação!...

Os seus homens debandavam, correndo tresmalhados pela serra, com mêdo de que D. Pedro os fosse perseguir. Galga-

vam montes e vales, perdiam se as bagagens, muitos morriam de frio. Os de D. Pedro, queriam perseguir os fugitivos: não o consente o Infante. D. Alvaro Vaz, praticamente lhe aconsêlha que prenda o duque; — «*Quem o seu inimigo poupa, nas mãos lhe morre*» — mas D. Pedro recusa-se também a isso, embora — «quanto mais alongue a vida dêle, tanto mais antecipe a sua morte».

Depois do êrro prático de deixar fugir o duque, a lógica mandava-lhe licenciar as suas tropas, e fê-lo encerrando-se no seu palácio de Coimbra.

Não há nada mais forte como a limpidez de consciencia. Que importava que o duque de Bragança, com os tarrapos das suas tropas, se apresentasse em Santarém, na côrte, como vencedor, se ia de cabeça baixa, sem poder erguer o pescoço?

A camarilha, inteiramente de posse do rei, deu largas ás paixões clamando justiça e vingança, com os olhos pôstos na imensa presa a dividir. Intimações do rei chegam a Coimbra declarando D. Pedro desleal, e mandando-lhe fazer guerra.

Com dezeseite anos, o rei tinha a consciencia pouco lúcida: nunca a têve, até final, muito mais. Era um instrumento cego que obedecia aos impulsos dos cortezãos, julgando fazer a sua vontade própria. Era isto que tornava essencialmente perigosa a situação de D. Pedro. Foi sua filha D. Isabel, a rainha, quem numa carta lhe participou que o consêlho sentenciara contra êle a morte, a prisão perpétua, ou o destêrro para fora do reino! O rei partiria de Santarém em armas.

Sem poder mais, largou num chôro largo, levantado os olhos ao céu. «Minha tenção é a morte... desterrado não será um fiho de D. João 1.º... para andar minha velhice por terras estrangeiras... preso aos cincoenta e sete anos!...»

Podia aos do seu consêlho que dissessem o que havia de fazer. Pensassem; a sua ideia era partir de Coimbra no mesmo dia em que el-rei partisse de Santarém, ir-lhe abrir os olhos, esmagar os inimigos, não com armas mas com a força da evidência.

Queria abrir os olhos ao rei, e era êle, o desgraçado, quem os tinha vendados pela cegueira!...

Sentiam-se todos tomados por uma comiserção fúnebre; não se devia ir procurar a morte, bastava esperá-la — opinavam os do seu consêlho. Fortificassem-se em Coimbra, Penela e Monte-Môr e seriam invenciveis.

Não, — disse o conde de A-

vanches: — «antes morrer com honra do que viver pequeno e miseravel». Armassem-se e fôssem a Santarém, em guerra, intimar o rei a que ouvisse o Infante, para desfazer falsidades e enganos. E se o rei não quizesse, morressem todos no campo como bons e leaes cavalleiros.

D. Pedro, serenamente, aceitou o voto de D. Alvaro Vaz. Estava, pois, lavrada a sentença pelo icôrdo dêsse dois grandes homens. Abraçados um ao outro, no silêncio da noite que sucedeu ao consêlho, desvairados pela loucura do amor genético, os dois heroicos cavaleiros juraram morrer juntos, alucinados pela doidade da Honra!

— «Conde, sinto já a minha alma aborrecida de viver nêste côpo e desejosa de sair de suas paixões e tristezas; determino morrer e acabar inteiro e não em pedaços. No dia em que dêste mundo me partir, querereis também ser meu companheiro?»

— «Sou muito contente, respondeu o conde — têr-vos essa companhia na morte assim como vo-la tive na vida. E se Deus ordenar que do mundo vos sa alma se parta, sêde certo que a minha seguirá logo á vossa!»

Era o juramento solene que o conde cumpriu, como nobilissimo cavaleiro da Ordem da Jarrateira! Onde, em que páginas da nossa história, se encontra um exemplo de tão nobre sacrificio?...

Na manhã seguinte, depois de velarem tôda a noite preparando-se para a morte, comungaram cristãmente, repetindo o seu juramento.

Entretanto a rainha, de joêlhos, banhada em lágrimas, pedia a salvação de seu pae ao rei, seu marido. Tivesse compaixão, abrisse pelo amôr que lhe dava, os olhos á verdade!...

D. Afonso V, sensibilizado com as lágrimas de sua espôsa, respondeu: — «Por vós, e só por vós, se êle pedir perdão, dou-lho!»

A pobre rainha, levantou-se tristemente e escreveu ao pae, sem esperança. Com efeito, D. Pedro, decidido a morrer, declarou firmemente que não pedia perdão por não têr de que o pedir. Seria confessar-se réu. Isso nunca!... «Antes tenham remorsos da minha morte, do que eu vergonha de viver».

Mas... estonteado, batido pela rajada sêca da loucura, tergiversou num momento de fraqueza. Escreveu á filha pedindo perdão; mas, obedecendo ao próprio impulso que protestava, acrescentou: — «Isto, filha e Senhora minha, faço eu mais por vos comprazer, que por me parecer razão que assim o faça».

Estas palavras ofenderam o rei e decidiram-no a recusar o perdão. E os da conjura, cada vez mais radiantes, tornavam mais tensa a situação. O conflicto era inevitavel; o rei, estava preso numa rêde que lhe impedia o conhecimento exacto da verdade. Não havia outra solução, além da morte!

Para lá caminhava o Infante quando largou de Coimbra. Levava consigo os filhos, um miilhar de cavaleiros, cinco mil pedões com grande carregem de bois e animaes de carga. Em presença de um acto de loucura tão consumado, em Santarém, os inimigos do Infante não Couberam em si de contentamento. Para que viria D. Pedro senão para atacar el-rei? Era-lhes fácil fazê-lo crer a D. Afonso V.

E, todavia, o Infante não vinha hostilmente; guardava ainda uma ligeira esperança de que os olhos do sobrinho se desvendariam *para vêr*.

De Coimbra fôra dormir a Ega; no dia seguinte, pararam na Batalha. D. Pedro, visita os túmulos dos paes; ajoelhou piedosamente como quem pede o auxilio dos mortos contra o insulto dos vivos; resou, falou-lhes com a certeza de que muito breve para ali iria também!...

Da Batalha foi a Alcobaca. Já de Santarém tinham largado corredôres ao seu encontro. De Alcobaca foi a Rio-Maior, deixando a estrada de Lisboa. Reuniu ali os do seu consêlho que opinaram a volta a Coimbra; não se devia ir mais longe, a honra estava salva.

Raciocinavam todos com o instincto de quem quer viver. D. Pedro, não podia discutir, ia levado nas azas da morte. Avançar sobre Santarém, parecerá que vamos atacar el-rei; retirar, porém, não quero. Vamos sobre Lisboa. Senão vierem a mim, daremos a volta por Loures, Torres Vedras e Óbidos, recolhendo a Coimbra.

Demoraram-se três dias em Rio-Maior. Nada! Uma paz, um silêncio, um abandono que já pareciam de túmulos.

Em vez de seguir para Santarém, dirigiu-se para Alcoentre, caminho de Lisboa. Marchava tristemente a pequena coluna acossada pelos ginêtes e corredôres de el-rei, que saíram de Santarém logo que viram partir D. Pedro. Perseguram-no com *tiros de lingua que não de bêsta*. Hipócrita, ladrão, traidôr, tirano, taes os insultos.

Sossêgo — recomendava o Infante — não se encolerisem; essas bôcas que me insultam, já muitas vezes me beijaram as mãos por mercês feitas!...

Mas, nêle proprio, a onda de cólera crescia, afogando-o. Já se combatia na retaguarda do pequeno exercito; trouxeram prisioneiros ao Infante; entre êles, vinhá um tal Pero de Castro, creado de D. Henrique. Ao vê-lo, D. Pedro, enfurecido, tomou um pau, gritando:

Ingrato e traidor! Era da tua boca que taes vilezas saiam; bastava que fizesses o mal com as mãos, não com a lingua. E abateu-o com uma paulada. Outros acabaram ferôsmemente.

De Santarém saía o rei com trinta mil homens (!), descendo lentamente ao longo do rio. D. Pedro, seguia de Alcoentre direito á Castanheira, sobre o Tejo. Acampou, mas o lugar era indefensavel; as deserções eram já numerosas. Arriscado a achar-se só com o conde de Avranches que o seguia como um espectro vivo, levantou o arraial. Anunciou que iam a Lisboa; mas, légua e meia mais abaixo, sobre o ribeiro de Alfarrobeira, parou de novo. Chegou o rei com o seu exercito; Avranches, saiu a reconhecer o inimigo e voltou á estacada confessando que estavam perdidos.

D. Pedro, estava já cercado pelas tropas do rei que soltavam espantosos pregões, a intimar o abandôno do rebelde.

Uns bésteiros do rei, encobertos pelas árvores, atiravam sobre os do Infante; havia já mortos e feridos. D. Pedro, mandou por fogo a umas bombardas apontadas ao cabêço; uma bomba foi cair junto da tenda do rei. Rompeu o assalto; a peonagem que restava ao Infante, debandou logo. Era imensa a superioridade do número dos adversários.

D. Pedro, apeou se; chegára o momento porque a sua vontade suspirava. Levemente armado, movendo-se como um espectro, combatia a pé no meio do tumulto. Os filhos, olhavam-no com espanto, quando uma seta perdida ou mandada, lhe atravessou o coração! Caiu morto com uma só ferida.

O bispo de Coimbra, vendo-o por terra, ajoelhou e no meio da vozeria do combate, absolveu-o recolhendo-lhe o último suspiro!...

Entretanto, o conde de Avranches combatia clamando, matando.

— «Senhor conde, que fazeis? O Infante é morto—gritou-lhe um môço.»

— «Cala-te e aqui o não digas a ninguém!»

Esporeou o cavallo, foi á sua tenda e pediu que lhe dessem pão e vinho; vestiu as melhores armas e saiu pelo arraial já de todos os lados invadido. Cairam sobre êle que com a lança, e de-

pois de partida, com a espada, lavado em sangue, sem consentir que lhe tocassem enquanto estêve de pé, matava furiosamente. Vendo-se cançado, murmurou:

«O corpo já sinto que não pôde mais, e tu minha alma já tardas!...»

E deixou-se cair por terra, gritando:

«Fartar, rapazes; Vingar, vi lanagem!...»

Num instante, foi crivado de golpes. Despedaçaram-no deixando-lhe o tronco em retalhos espalhados pelo chão. A cabeça decepada, levou-a um seu velho amigo ao rei pedindo por ela a crescentamento.

Estava cumprido o juramento do nobre, do leal cavaleiro!...

Três dias ficou insulto o cadaver do Infante apodrecendo com outros numa choupana de onde o levaram, por fim, numa escada por esquite, á igreja de Alverca.

Foi mais tarde para a Batalha, por imposição de Felipe—o Bom—marido da duquesa de Borgonha, sua irmã, com tôdas as honras que lhe eram devidas.

Jaz no túmulo ao lado de seu irmão D. Duarte.

Injuriado, perseguido, vilipendiado por essa nobreza de tronco bastardo—sempre em ânsias crescentes de se apoderar do reino, mentindo, intrigando como vilões, manejando torpemente êsse rapaz de dezeseite anos que era D. Afonso V, em cujo espirito havia uns certos germens de antipatia que conservára com rancor desde as lutas entre seu tio e sua mãe e que nunca lhe passaram despercebidas, embora criança ao tempo—assim foi terminar os seus dias junto do ribeiro de Alfarrobeira, o mais instruido, o mais ponderado, o mais circunspecto dos filhos de D. João 1.º—a quem chamavam o Infante *das sete partidas do mundo!*...

D. Afonso, foi um instrumento passivo nas mãos desses fidalgos nefastos que aproveitaram para os seus fins perversos a inconstância do rei, a sua levandade e as antipatias antigas que nutria contra seu tio.

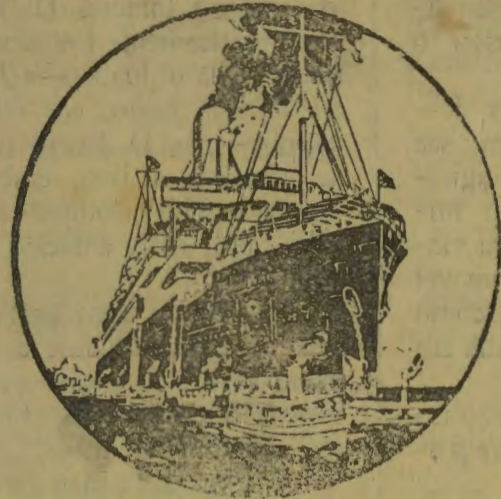
Depois de D. Afonso V, veio D. João 2.º, o ceifador terrível que em poucos anos arrancou aservas parasitas e saneou a messe.

D. João 2.º—o *HOMEM*—continuou a obra de seu avô com redobrado vigor e enérgica decisão. O punhal dos paços de Setubal e cutêlo da praça de Évora, foram os suprêmos vingadores de Alfarrobeira!

A História, é a lição eterna dos povos!...

Maior de 1934.

MALA REAL INGLEZA



Paquetes correios a sahir de Leixões

em para Las Palmas, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres.
 HIGHLAND PRINCESS em 26 de Julho para Las Palmas, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres
 HIGHLAND MONARCH em 7 de Agosto para Las Palmas, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres.

Estes Paquetes sahem de Lisboa no dia seguinte e mais os paquetes:

ARLANZA em 19 de Julho para S. Vicente, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres
 HIGHLAND PRINCESS em 27 de Julho para Las Palmas, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires.
 HIGHLAND BRIGAD em 11 de Julho para a Las Palmas, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres

Na agencia do Porto podem os srs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches á vista das plantas dos paquetes, MAS PARA ISSO RECOMMENDAMOS TODA A ANTECIPAÇÃO.

Dirigir aos unicos agentes no norte de Portugal:

TAIT & CO.

19, RUA DO INFANTE D. HENRIQUE.—PORTO

ou aos seus correspondentes nas provincias.

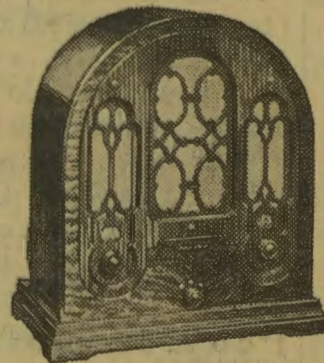
T.
S.
F.

Uma das melhores marcas que se tem apresentado no mercado da T. S. F. é a

Atwater Kent Radio

Padrão — Oiro do Radio

Quêça V. um receptor 165 que custa apenas 1.650\$00 e faça o seu juizo



Superheterodino de 5 lampadas com um altifonio electro-dinamico de grande area vibratoria, apresentado n'um elegante movel de nogueira ralada.

O AGENTE NO CONCELHO,

MANUEL GOMES PENETRA—FÃO